

43º Encontro Anual da Anpocs;  
SPG28 - Sobre periferias urbanas

**A notícia por quem vive**  
**Reflexões sobre lugar de fala a partir de um caso da Cidade de Deus**

Renata da Silva Melo

## Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a noção de lugar de fala na produção de identidades no contexto das periferias urbanas. A análise parte de uma etnografia realizada na Cidade de Deus, favela da Zona Oeste do Rio de Janeiro, sobre o caso de *A notícia por quem vive*. Trata-se de um jornal local que busca representar a favela a partir de um enfoque positivo em contraposição a representações identificadas como estigmatizantes. A discussão sobre quem pode falar por, sobre ou representar um determinado grupo tem mobilizado moradores de diferentes periferias a debaterem sobre representações, tanto midiáticas quanto acadêmicas, produzidas sobre seus lugares de origem e/ou moradia. A experiência de *A notícia por quem vive* é emblemática por reunir moradores que buscavam enfatizar sua legitimidade de fala, reivindicando um lugar autenticamente *favelado*, ao mesmo tempo em que produziam esta fala a partir do trabalho conjunto com um grupo da universidade, identificado como externo à favela. É a partir da análise da relação entre estes dois grupos que proponho uma discussão sobre a noção de lugar de fala em processos contemporâneos de construção identitária nas periferias urbanas.

## Introdução

Diversos processos sociais vividos no Brasil das últimas décadas contribuíram para o estabelecimento de novas relações com as periferias dos grandes centros urbanos. Como previa Lícia do Prado Valladares, nos idos de 2005, o questionamento de dogmas produzidos por representações de favelas possivelmente seria “influenciado por um novo tipo de ator: aquele oriundo da favela com um diploma superior” (VALLADARES, 2005, p. 163). Para a autora, esta seria uma “passagem obrigatória para uma verdadeira renovação dos trabalhos realizados não apenas sobre as favelas, mas também sobre a pobreza, a segregação urbana e as consequências da urbanização” (idem).

Além da democratização do acesso ao ensino superior, questões como o relativo aumento do poder de consumo de membros dos setores menos privilegiados e a popularização da internet associada a um maior acesso a dispositivos de comunicação também afetaram decisivamente as relações com este novo ator do qual fala Valladares. Associado a isso, houve também um *boom* dos chamados *coletivos culturais* em regiões periféricas do país e o aumento considerável do investimento público em políticas e editais de fomento à produção artística de periferias, ao longo dos anos 2000.

Todos esses processos conduziram ao que Guilherme Aderaldo (2013) chamou de reposicionamento semântico da noção de periferia, afinal, foram potencializadas as possibilidades de que uma diversidade maior de atores periféricos pudesse colocar em pauta seus olhares sobre e a partir de seus lugares de origem. Forjou-se, assim, um cenário favorável a uma disputa no campo das representações, a partir do qual uma série de novos questionamentos passaram a colocar em xeque não apenas o tipo de informação veiculada sobre grupos historicamente subalternizados, como também a legitimidade daqueles que a produzem. Nesse contexto, a ideia de lugar de fala, isto é, a discussão sobre quem pode falar por, sobre ou representar um determinado grupo tem se colocado como questão chave para a reflexão sobre produção de identidades e representações nas e das periferias urbanas da atualidade.

Lugar de fala é um termo que tem aparecido com frequência em discussões na internet e debates entre diversos grupos de militantes. Em termos gerais, ele é utilizado para demarcar uma maior legitimidade de fala daquele que sofre determinadas opressões sociais. Assim, a partir dessa perspectiva, cabe ao negro o protagonismo no debate sobre o racismo, o mesmo com a mulher, no feminismo, o gay na luta contra a homofobia, o *favelado* nos movimentos de favela, entre outros. A produção artística contemporânea também tem sido atravessada diretamente pela noção de lugar de fala. Os trechos destacados a seguir de duas músicas, a primeira lançada em 2016 pelo grupo Mombaça e a segunda lançada por Elza Soares em 2018, ajudam a elucidar alguns dos sentidos mobilizados pelo termo:

Não quero saber de outra no nosso lugar de fala  
Mulher preta no poder pra poder poder  
Não pisa na minha grama, não levanta minha saia  
Mulher preta no poder pra poder poder  
Se não tem a pele preta em matriz  
Não me representa  
Se não tem cabelo crespo em raiz  
Não me representa  
Se não tem meus olhos, meus dentes, meus lábios carnudos  
não sabe o que diz  
Nem meu nariz, não me representa<sup>1</sup>

Mil nações moldaram minha cara  
Minha voz uso pra dizer o que se cala  
O meu país é meu lugar de fala<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Trecho da música “Lugar de fala” do grupo Mombaça

<sup>2</sup> Trecho da música “O que se cala” de Elza Soares.

A categoria lugar de fala é expressão de um processo contemporâneo de entendimento de que há um problema no ato de falar pelo ou sobre um grupo do qual não se faz parte, o que, para Linda Alcoff (1991), tem relação com a premissa de que o lugar de onde se fala impacta diretamente no conteúdo e na verdade do que se diz. “Se não tem meus olhos, meus dentes, meus lábios carnudos não sabe o que diz”, como afirmado no trecho destacado acima. A localização social do falante acaba tendo, portanto, um impacto significativo em suas alegações, podendo ser utilizada tanto para autorizar quanto para desautorizar seu discurso.

Desde a década de 90, como já discutido por Alcoff (1991), a ideia de falar por ou sobre um “outro”, geralmente entendido como alguém que faz parte de grupos historicamente oprimidos, tem provocado um mal-estar crescente entre ativistas e na academia, sendo uma postura rejeitada em diversos espaços. Na antropologia este tema tem rendido intensos debates nos quais se questiona as características estruturais da prática discursiva antropológica e o papel da disciplina na construção deste “outro” que se coloca em debate.

Nesse contexto, a noção de lugar de fala, da forma como vem sendo mobilizada socialmente e não como conceito estanque, tem afetado significativamente as relações entre a universidade e movimentos sociais e/ou grupos que tenham alguma atuação relacionada ao tipo de opressão que sofrem. No caso das favelas, é comum que essa ideia seja acionada quando se coloca o questionamento do que é entendido por alguns moradores como uma transformação da favela em mero “objeto de estudo”, expressão que já ouvi com alguma frequência em reuniões e conversas informais das quais participei nas favelas cariocas da Cidade de Deus, Mangueiras, Maré e Santa Marta, onde tive oportunidade de realizar trabalhos de pesquisa e extensão universitária.

Encontros como o “Pra que e pra quem servem as pesquisas sobre Favelas?” ou o “Quem produz conhecimento?” e ainda o fórum “Universitárixs faveladxs” são representativos desta nova relação entre universidade, favela e periferias em geral. Na descrição de seu evento no facebook, o encontro “Pra que e pra quem servem as pesquisas sobre Favelas?”, que teve sua décima edição em fevereiro de 2019, é dito o seguinte:

No início de 2017, fruto de uma crítica das favelas com relação a produção acadêmica e sua epistemologia branca cristã ocidental, fomentamos o Espaço Pra que e Pra quem servem as Pesquisas sobre favelas? De lá até aqui, circulamos por várias favelas com discussões variadas<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup>Disponível em: [https://www.facebook.com/events/295476261319908/?active\\_tab=about](https://www.facebook.com/events/295476261319908/?active_tab=about). Acessado em 23/09/2019.

Na mesma linha, o evento de “Quem produz conhecimento?”, realizado em 18 de setembro de 2019 em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, é descrito da seguinte forma:

Em um contexto político em que a produção de dados e informações oficiais são cotidianamente contestadas e fontes e institutos oficiais de pesquisas vem sendo aparelhados, torna-se cada vez mais urgente entender conhecimento como algo a ser construído de maneira não hierárquica, coletiva e periférica. Valorizar narrativas populares e entender os movimentos sociais como fonte produção de conhecimento é fundamental para a desconstrução do saber como monopólio de poder hegemônico, branco e classista. É por isso que Fórum Grita Baixada e Visão Mundial convidam academia, movimentos sociais e populares para juntos/as pensarmos essa construção na Baixada Fluminense<sup>4</sup>.

Já o fórum “Universitárixs Faveladxs”<sup>5</sup>, que teve sua última reunião no Museu da Maré, favela da Zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 21 de setembro deste ano, teve como questão norteadora esta pergunta: quais caminhos levam a universidade para a favela e a favela para a universidade? Os três eventos trazem já em seus nomes provocações sobre o lugar a partir do qual tradicionalmente se produziu e se difundiu o conhecimento científico e sobre as finalidades deste tipo de produção. Há um confronto direto a um lugar ao qual os representantes dos eventos buscam se contrapor: a uma “epistemologia branca cristã ocidental” e ao “monopólio de poder hegemônico, branco e classista”, como aparece nas descrições. Estas definições, embora pareçam amplas e referentes a um campo mais estrutural, impactam diretamente no universo de relações sociais entre atores e contextos particulares. Desse modo, indivíduos que venham a ser associados, por diversos motivos possíveis, a uma “epistemologia branca cristã ocidental” e ao “monopólio de poder hegemônico, branco e classista” podem ter a legitimidade de seus discursos questionada e colocada sob suspeita a partir do contraponto com narrativas produzidas desde lugares de fala considerados mais legítimos.

Diante desse cenário de conflitos latentes, foi instigante e desafiador ter como foco de análise da minha pesquisa de mestrado (MELO, 2017) um jornal chamado *A notícia por quem vive*, fruto do encontro entre um grupo de moradores da Cidade de Deus e participantes de um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim como os eventos citados anteriormente, o jornal traz já em seu nome uma provocação que nos conduz à reflexão sobre o tema da representação. *A notícia por quem*

---

<sup>4</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/events/479670879480981/> Acessado em 23/09/2019.

<sup>5</sup> Mais informações em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/forum-universitarixs-faveladxs-realiza-seu-8o-encontro-sabado-21>. Acessado em 23/09/2019

*vive* é um título que sinaliza a demarcação de um lugar de fala produzido desde dentro, o que, no caso do jornal, significava uma produção de notícias por moradores da Cidade de Deus. Mas se o conteúdo era produzido por aqueles considerados de dentro, todo o restante do processo que envolvia a produção do jornal era atravessado por um agente tido como externo: a universidade.

O jornal surgiu em 2010 como trabalho final de um curso organizado na Cidade de Deus por um grupo de pesquisa e extensão, o Soltec, Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ, que reuniu cerca de 10 moradores interessados em produzir um jornal local periodicamente. Desde então e até meados de 2016, o jornal foi produzido em conjunto por ambos os grupos, cada qual com papéis distintos: aos moradores cabia a produção de conteúdo e à universidade, a diagramação, revisão das matérias e colaboração com a busca por captação de recursos para realização das impressões. Fiz parte deste segundo grupo e pude acompanhar esta que considero uma experiência emblemática para a reflexão sobre lugar de fala por reunir, de um lado, atores que buscavam enfatizar sua legitimidade a partir de um lugar reivindicado como autenticamente *favelado*, ao mesmo tempo em que produziam esta fala a partir do trabalho conjunto com um grupo identificado como externo à favela. É sobre a relação entre estes dois grupos que se detém o foco da análise.

O objetivo é tomar a experiência do jornal como fio condutor para uma reflexão sobre um processo mais amplo. O foco, portanto, não é analisar *A notícia por quem vive* em termos de sua efetividade na disputa simbólica na qual se inseria. Falamos de um jornal impresso que tinha uma periodicidade irregular<sup>6</sup> e que, até o fim da minha pesquisa, em 2017, mantinha um padrão de 16 páginas e tiragem de três mil exemplares<sup>7</sup>, uma baixa circulação se pensarmos que a Cidade de Deus poderia contar em 2010 com uma população de até 60.723 pessoas, de acordo com dados do IETS (Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade)<sup>8</sup>. Nesse sentido, o objetivo é pensar não o jornal em si, enquanto meio de comunicação apenas, mas sim as relações e discursos que a partir dele emergiam. Para tanto, é preciso antes entender sua história, que contarei a seguir<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Inicialmente, a intenção era que a periodicidade fosse trimestral, mas, na prática, os intervalos entre uma edição e outra costumavam ser mais longos.

<sup>7</sup> Os jornais eram distribuídos gratuitamente pela Cidade de Deus em pontos de ônibus, escolas, instituições, igrejas, estabelecimentos comerciais e eventos culturais.

<sup>8</sup> Segundo o Censo, também de 2010, a Cidade de Deus teria aproximadamente 45 mil habitantes.

<sup>9</sup> Outras análises sobre o jornal já foram realizadas com enfoque no viés da comunicação, ver, por exemplo, os trabalhos de PEREIRA (2013), GONÇALVES, PEREIRA & MELO (2013) GONÇALVES, PEREIRA, ET AL (2015)

## O encontro entre os grupos

A Cidade de Deus é um caso especialmente paradigmático para o debate sobre representação por ter se tornado amplamente conhecida a partir de duas obras específicas. Primeiro com o livro *Cidade de Deus*, publicado em 1997, e posteriormente com o filme homônimo, lançado em 2002. O livro se configurou como um dos maiores *bestsellers* no cenário editorial brasileiro do século XX e o filme, indicado ao Oscar, levou a Cidade de Deus a ficar conhecida internacionalmente, imprimindo em um imaginário social bastante amplo uma imagem de favela intrinsecamente associada aos temas da violência e criminalidade. Os efeitos desse tipo de associação simbólica ficaram marcados na história da favela. Em um contexto ainda bastante afetado pela questão, em 2008<sup>10</sup>, 6 anos após o lançamento do filme, um dos representantes do grupo da universidade que viria a colaborar com o jornal busca se aproximar de um grupo de moradores da Cidade de Deus. Este relato de uma de minhas interlocutoras de pesquisa reconstitui uma das cenas deste encontro:

Em 2008, ele (um pesquisador da UFRJ) quis entrevistar a gente. A gente já tava por aqui, sabe? Sentamos ali na praça, os quatro encarando ele. O grupo de teatro era só negão. E ele, coitado... aquele monte de negão encarando aquele branquelo... A gente olhou fundo no olho dele e disse: você vai ser mais um na estatística que vai enganar a gente.

Esta cena retrata uma das primeiras tentativas de aproximação de um pesquisador do Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Soltec-UFRJ) de parte do grupo de moradores que viria a se articular em torno do jornal. Fundado em 2003, o Soltec surgiu a partir da mobilização de alunos da Escola Politécnica da UFRJ e, atualmente, é formado por estudantes de graduação, pós-graduação, professores e técnicos administrativos de diversas áreas. Em seu site, ele é descrito como:

Um programa interdisciplinar de extensão, pesquisa e ensino, que desenvolve projetos em rede com abordagem territorial e participativa, nos campos da tecnologia social e da economia solidária, visando a construção de políticas públicas para a equidade social e o equilíbrio ambiental<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> O próprio conteúdo e motivação para criação do jornal *A notícia por quem vive* é evidência disso. Mesmo tendo surgido 8 anos após o lançamento de *Cidade de Deus*, o filme era comumente acionado como alvo de crítica e uma das principais referências de tipo de representação ao qual o jornal buscava se contrapor.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://nides.ufrj.br/index.php/programas/soltec>. Acessado em 23/09/2019

O integrante do Soltec recebido pelo grupo de moradores na cena descrita acima era um então mestrando que buscava fazer sua pesquisa em engenharia de produção sobre as chamadas Organizações Sociais de Base Comunitária da Cidade de Deus, pequenas organizações não governamentais, que desenvolvem projetos locais, relacionados à educação, arte, geração de renda, entre outros. Como evidencia o depoimento, o interesse do pesquisador foi recebido com desconfiança. Seus interlocutores eram moradores antigos, com idade entre 40 e 60 anos, que acompanharam o crescimento da favela e viram circular por lá muitos projetos e pesquisas, especialmente quando o lugar passa a ficar mais conhecido a partir do filme *Cidade de Deus*. A fama do local atraiu diversos pesquisadores e projetos sociais, muitos dos quais eram entendidos, como citado no depoimento, como parte de uma “estatística”, isto é, um número grande pessoas e/ou organizações que realizavam suas pesquisas e, na concepção de alguns moradores, se aproveitavam da visibilidade da Cidade de Deus, sem trazer em troca nenhum retorno ou benefício efetivo para a favela.

A cena descrita revela também como as localizações identificadas no pesquisador afetaram a forma como ele foi recebido. Acadêmico, branquelo, engenheiro, que não morava na favela, ele era parte de um universo privilegiado. Naquele momento, contudo, a lógica hierárquica em questão é de certo modo subvertida, o pesquisador é colocado no lugar de “coitado”, confrontado por um grupo “negões” e que assumiram ali uma postura de autoridade frente ao pesquisador.

Apesar do clima inicialmente intimidador, o pesquisador foi bem-sucedido na aproximação e realizou sua pesquisa sobre 15 das Organizações Sociais de Base Comunitária da Cidade de Deus mapeadas por ele, mas não sem uma condição: foi demandada pelo grupo de moradores uma contrapartida, que veio a se materializar na criação de um site chamado *Portal comunitário da Cidade de Deus*<sup>12</sup>, voltado para a divulgação das ações realizadas pelas organizações pesquisadas. A relação entre o grupo da universidade e o de moradores veio, então, a se aprofundar com a realização do curso “Análise crítica dos meios de comunicação”, organizado pelo Soltec em 2010 e voltado para a formação das pessoas envolvidas com o Portal. Neste curso foram produzidos textos que, inicialmente, seriam publicados no site, mas o desejo por um produto mais palpável levou a criação de uma publicação impressa. Surgiu, assim, *A notícia por quem*

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://cidadededeus.org.br/>. Acessado em 23/09/2019. Mais informações sobre a experiência podem ser obtidas na monografia de Marília Gonçalves (2010).



vive, “um jornal feito pela comunidade, com a comunidade, para a comunidade”, como dizia seu slogan.

O que, a princípio, era apenas um trabalho de final de curso acabou se tornando uma experiência duradoura, prolongando por mais seis anos uma intensa relação entre os dois grupos. Relação que, no início conflituosa, acabou se convertendo em parceria. Em fins de 2011, o Soltec se reaproxima a partir de uma demanda dos moradores pela diagramação do jornal, o que leva o grupo universitário a construir um projeto chamado *Comunicação comunitária e novas tecnologias*<sup>13</sup>. Em documento que formalizava a atuação na Cidade de Deus, o projeto foi descrito como uma assessoria que tinha como objetivos “contribuir para a democratização da comunicação e apoiar a continuidade do jornal”.

Inspirado na metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2005), o objetivo do Soltec era promover uma troca: a universidade oferecia assessoria para a continuidade do jornal e, por sua vez, os moradores contribuíam para a formação dos estudantes envolvidos no projeto, que, a partir dele, desenvolviam artigos, relatórios, participavam de congressos, entre outras atividades acadêmicas, e aprendiam na prática o processo de produção de um jornal comunitário. Esta separação entre um grupo da favela, de um lado, e o da universidade, de outro, surge com base nas classificações observadas em campo e estabelecidas entre os próprios atores em interação a partir de seus diferentes desempenhos de papéis e lugares de vinculação. A seguir, descreverei ambos os grupos para, então, refletir sobre a relação entre eles.

## **O grupo de moradores**

Cerca de 10 moradores de diferentes partes da Cidade de Deus<sup>14</sup> participavam de *A notícia por quem vive*. Este grupo era composto em sua maioria por mulheres na faixa etária dos 40 aos 60 anos, perfil que só foi alterado em 2015, quando o jornal passou a contar também com a participação de dois jovens, com idade entre 20 e 25 anos. Este conjunto de moradores atuava de forma voluntária, não recebendo qualquer remuneração

---

<sup>13</sup> O projeto foi parte do Programa de Extensão Universitária (ProExt) e do Programa Institucional de Bolsas de Extensão- PIBEX. Mais informações estão disponíveis na página do projeto: <http://nides.ufrj.br/index.php/projetos-soltec/comunicacao-comunitaria>. Acessado em 23/09/2019.

<sup>14</sup> A Cidade de Deus é dividida em cinco partes: Caratê e adjacências; CH Gabinal Margarida; Lazer e adjacências; Edgar Werneck e adjacências e Quinze

pelo trabalho realizado no jornal<sup>15</sup>. Parte significativa acessou a universidade, quatro concluíram o ensino superior e até o fim da pesquisa dois estavam cursando a graduação nos cursos de jornalismo e desenho industrial. Duas pessoas do grupo eram formadas em pedagogia, uma em psicologia e outra em serviço social, com pós-graduação em educação. Dentre os demais, uma moradora concluiu o segundo grau técnico e outra o segundo grau em um supletivo. O perfil destes moradores contrasta com um quadro local mais amplo se pensarmos que 50% dos moradores da Cidade de Deus não concluíram o ensino fundamental e a escolaridade média da população era, em 2010, de 7,3 anos, enquanto que a escolaridade média nacional é de 8,6 anos de estudo, de acordo com a PNAD/IBGE de 2010.

Os moradores que integravam o jornal eram em sua maioria migrantes, seja de outros estados do Brasil, em especial do Nordeste, seja de outras favelas do Rio de Janeiro, como as favelas do Pinto, da Catacumba e Macedo Sobrinho, antes localizadas na Zona Sul da cidade e hoje extintas. Esses moradores chegaram à Cidade de Deus no início de sua existência, em meados de 1960, quando o espaço recebia seus primeiros habitantes como consequência de um forte processo de remoção ocorrido na cidade neste período, em que, segundo Zaluar (2007), foram transferidas pessoas de um total de 63 diferentes favelas do Rio de Janeiro. O local receberia também inúmeras vítimas das enchentes que tomaram a cidade naquele período, deixando milhares de famílias desabrigadas. Idealizada para ser um conjunto habitacional, a Cidade de Deus acabou se consolidando historicamente como favela no imaginário e na disposição urbana do Rio de Janeiro.

A forma de transporte nesse processo de ida para a Cidade de Deus foi algo marcante para estes moradores, que relatam a vinda em caminhões de lixo, o que marca um sentimento de humilhação e indignação. A busca pela superação de uma visão do favelado metaforicamente simbolizada pelo “lixo”, ou seja, algo descartável e desimportante, é algo que leva o grupo a se mobilizar em torno de um jornal que buscava ressaltar o lado positivo da Cidade de Deus em seu conteúdo. A busca por legitimação e por credibilidade frente a outros grupos sociais passava, no caso deste conjunto de moradores, por um constante esforço de superação deste estigma de favelado. Nesse

---

<sup>15</sup> O principal gasto do jornal era com a impressão das edições, geralmente financiadas, em diferentes momentos, por editais públicos, organizações parceiras, como a Farmanguinhos- Fiocruz, e campanhas de financiamento coletivo na internet. O jornal nunca fez uso de publicidade para seu sustento.

sentido, o engajamento em atividades locais que assim como o jornal eram voltadas para uma valorização e/ou desenvolvimento da Cidade de Deus e de seus moradores era denodadamente uma forma de empreender este objetivo.

O fato de os integrantes do jornal serem antigos no local era mobilizado como forma de distinção. Não raro, eles se autointitulavam fundadores da Cidade de Deus. Isto revela algumas das nuances na construção da legitimidade a partir da localidade. O lugar de fala é reivindicado como do morador, mas não de qualquer morador, pois há gradações nos níveis de representatividade. Quem mora há mais tempo, por exemplo, teria um lugar de fala mais legítimo.

Outro aspecto é a diferenciação pelo caráter “cidadão”, como podemos notar nesta fala de um dos moradores integrantes do jornal: “muita gente ainda pensa que na Cidade de Deus só tem bandido, só tem traficante, só tem prostituta, só tem gente que não presta. Mas na Cidade de Deus tem muita gente boa”. Neste caso, a dicotomia trabalhador/bandido, ou simplesmente gente que “presta” /gente que não “presta”, é também acionada como forma de distinção. Ao contrário do que, em geral, é atribuído à favela, os moradores que integram o jornal se viam como “moralmente adequados e perfeitamente dignos de se integrarem à cidade e à nação” (BIRMAN, 2008, p.110). A ênfase em mostrar que há “muita gente boa” na Cidade de Deus tinha relação direta com esta questão.

## **O grupo da universidade**

O grupo que representava a universidade era formado em média por cinco pessoas, em sua maioria mulheres brancas, estudantes ou graduadas na Escola de Comunicação Social da UFRJ. Dentre as comunicadoras, havia alunas de diferentes habilitações, como jornalismo, publicidade e produção editorial. O projeto contava sempre com uma coordenadora e estudantes de graduação. Além de participar das reuniões do jornal na Cidade de Deus, a equipe realizava grupos de estudos e reuniões de planejamento na sala do Soltec, localizada no Centro de Tecnologia da UFRJ. Como o projeto previa também atividades de pesquisa, o grupo de estudantes participava de congressos e encontros acadêmicos e produziu artigos, monografias e dissertações<sup>16</sup> que refletiam sobre a experiência do jornal.

---

<sup>16</sup> Em página do projeto na internet são listadas essas produções acadêmicas: <http://nides.ufrj.br/index.php/projetos-soltec/comunicacao-comunitaria>. Acessado em 23/09/2019

A desilusão com a academia e, em especial, com a graduação em comunicação, era algo comum às participantes do grupo universitário. Questionava-se o perfil elitista da universidade, a formação considerada pouco crítica e voltada para o mercado. A atuação na Cidade de Deus era tida para esse grupo como uma forma de “ir além dos muros da universidade” e de se abrir a outras perspectivas profissionais, como revela este depoimento de uma das bolsistas:

Conheci o Soltec por meio de uma amiga minha da faculdade, por ela soube da vaga para bolsista do projeto de comunicação comunitária. Nessa época eu passava por muitas dúvidas em relação ao jornalismo, como por exemplo: "Eu tenho que estagiar na Globo para ser "respeitada" como profissional futuramente?", "Mas se eu não quiser?", "O que eu estou fazendo da minha vida?", "Por que estou fazendo jornalismo?" Entrar em contato com a Cidade de Deus e com o Soltec foi uma das melhores decisões que eu pude tomar naquele momento. Conhecer mais da Cidade de Deus, conhecer os membros do jornal, ouvir mais do que falar, foi uma experiência muito positiva. Sinto muito orgulho de poder ter participado por um ano do projeto, sempre que tenho oportunidade falo do jornal para as pessoas. Hoje já posso vislumbrar que a comunicação pode ser para todos, e essa constatação me deixa muito esperançosa, me dá forças para seguir nessa profissão. Após um ano vejo que o saldo foi muito positivo, hoje me conheço melhor. Conheço melhor a Cidade de Deus (que muitas vezes me sentia como se estivesse no meu bairro), e o mais importante de tudo, conheço melhor vocês, comunicadoras comunitárias (somos na maioria mulheres e eu fico muito feliz por isso).

Esta fala nos leva a outro ponto importante das trajetórias das integrantes do Soltec: seus lugares de origem. A estudante deste depoimento era moradora da Abolição, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Apesar de morar em um lugar relativamente distante da Cidade de Deus, em termos geográficos, ela afirma que se sentia muitas vezes como se estivesse no seu próprio bairro. Ela costumava dizer também que seu “mundo se parecia mais com a CDD<sup>17</sup> do que com a Urca”, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro onde se localizava o campus de comunicação da UFRJ. A Zona Sul do Rio é historicamente associada a símbolos de prestígio, que situam esta região no topo das hierarquias que mapeiam e situam as diferentes possibilidades de interações sociais em um contexto urbano como o do Rio de Janeiro. Neste mapa simbólico, a Zona Norte da estudante se parecia mais com a Cidade de Deus, tanto por questões materiais, acesso limitado a direitos e serviços básicos, por exemplo, como por outras mais subjetivas relacionadas aos modos de sociabilidade e ao tipo de paisagem local.

---

<sup>17</sup> Sigla utilizada popularmente para Cidade de Deus (CDD)

A partir dessas familiaridades, é possível pensar algumas interseções entre os dois grupos em questão, que complexificam algumas das fronteiras entre eles. Assim como a moradora de Abolição, grande parte das integrantes que passaram pelo projeto do Soltec era oriunda de regiões periféricas da cidade, como Campo Grande, Nova Iguaçu, Ilha do Governador, Caxias, Méier, Penha. A identificação com moradores de favela por conta do reconhecimento de questões semelhantes em seus próprios territórios e vivências era algo que impelia o grupo universitário a apoiar o jornal para além do vínculo institucional de bolsista. Mais do que isso: a reflexão provocada pela experiência na Cidade Deus era parte produtora deste reconhecimento.

Algumas das estudantes do projeto faziam parte de um grupo menos privilegiado que começava a acessar a universidade e que não se identificava com muito do que encontrava por lá. Algumas relatavam, inclusive, dificuldades de socialização com os colegas de origem mais abastada e moradores da Zona Sul da cidade. Em 2009, quando eu e algumas das minhas colegas de projeto entramos na universidade, o curso de comunicação era um dos mais disputados no vestibular da UFRJ. Conseqüentemente, a maior parte daqueles que conseguiam entrar eram oriundos de classes mais altas, com maiores condições materiais de investimento em uma preparação para o vestibular. No ano de 2010, que coincide com o início do projeto do Soltec na Cidade de Deus, a UFRJ começou a adotar o sistema de cotas, o que passa a diversificar seu perfil de alunos. O jornal representava nesse contexto uma outra forma de se experienciar a universidade em um espaço que, pelos relatos das estudantes, soava muitas vezes mais acolhedor e receptivo que as salas de aula da universidade.

### **Notícia por quem vive ou por quem mora?**

O encontro entre estes dois grupos se dava em reuniões que aconteciam geralmente aos sábados, com uma frequência que oscilava entre uma a duas vezes por mês, em um espaço disponibilizado por uma organização local parceira, a Asvi, Associação Semente da Vida da Cidade de Deus<sup>18</sup>, onde se desenvolviam diversos

---

<sup>18</sup> A Asvi é uma Associação civil de direito privado, educacional e sem fins lucrativos que desde 2002 desenvolve trabalhos sociais na Cidade de Deus. Para mais informações ver: <http://www.cidadededeus.org.br/asvi/quem-somos>. Acessado em 23/09/2019

projetos relacionados à educação, que contavam, inclusive, com a atuação e apoio de participantes do jornal.

O lugar onde aconteciam os encontros era parte de uma área chamada por muitos moradores de “Zona Sul” da Cidade de Deus, que era um local mais central, próximo à avenida principal, Edgard Werneck. Esta região além de considerada mais rica por ter mais acesso a serviços e moradores com melhores condições financeiras em relação a outras regiões da Cidade de Deus, era também uma das partes mais tranquilas, como diziam os moradores. Nunca me deparei com traficantes armados ou vendas de drogas ao ar livre por lá. De modo geral, quando cheguei à Cidade de Deus, em 2010, pairava um sentimento de esperança de dias melhores, o que tem relação com o fato de ela ter sido a segunda favela a receber uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora). Apesar de continuarem ocorrendo mortes violentas e o tráfico de drogas permanecer presente, houve uma queda significativa nos índices criminais após a ocupação da polícia no local (CORRÊA, 2015). Como é descrito em matéria da primeira edição de *A notícia por quem vive*<sup>19</sup>, apesar de terem muitas críticas ao programa, moradores, não só na Cidade de Deus, mas também de outras favelas, viam na UPP uma forma de trazer mais “tranquilidade” para o território, isto é, mais segurança.

Essa relação foi se transformando ao longo do tempo. Uma leitura em ordem cronológica das edições do jornal mostra um pouco desse processo. As primeiras edições falavam de uma Cidade de Deus que “se tornou ambiente muito rico de oportunidades. Novas oportunidades, vindas de fora, por um lado. Por outro, novas oportunidades de mostrar o que a Cidade de Deus há muito fazia. E de fazer por aqui coisas novas”<sup>20</sup>. Já na 10ª edição, lançada em 2016, a matéria “CDD pede paz” fala dos “sons de disparos de origem desconhecida” que estavam tirando “a sensação de tranquilidade que há algum tempo reinava em nossa comunidade”<sup>21</sup>. Nesse mesmo ano, se multiplicavam nas reuniões relatos de cenas de violência que interrompiam os cotidianos dos moradores: homens armados pelas ruas, assassinatos no muro de casa, conhecidos ou familiares expulsos da favela pelo tráfico, tiroteios, situações que muitas vezes levavam ao cancelamento de reuniões e impossibilidade de locomoção diante do risco de vida que representavam.

---

<sup>19</sup> Matéria “Como a comunidade da Zona Oeste vem se adaptando ao conceito de polícia de proximidade?” *A notícia por quem vive*. ANO I. Edição nº1.

<sup>20</sup> “Editorial”. *A notícia por quem vive*. ANO III. Edição nº4.

<sup>21</sup> “CDD pede paz” *A notícia por quem vive*. ANO V. Edição nº10

As reuniões eram espaços para a seleção de pautas, que eram propostas pelos moradores a partir de situações vivenciadas ou observadas em seus cotidianos. O projeto novo da organização da qual um membro fazia parte, uma situação que alguém testemunhou e gostaria de discutir, o curso que outro participante tinha interesse em divulgar, o hospital onde um familiar foi mal atendido, exemplos de temas que poderiam vir a ser conteúdo do jornal, em uma dinâmica em que as dimensões casa- rua- família- trabalho se misturavam gerando matéria-prima para a chamada notícia por quem vive. A equipe do Soltec sistematizava o que era discutido nas reuniões, produzindo atas que serviam de base tanto para a organização interna do jornal, como para os trabalhos acadêmicos desenvolvidos pelo grupo universitário a partir do projeto, estes contavam também com a elaboração de diários de campo produzidos individualmente pelas integrantes do projeto e depois compartilhados entre elas.

As integrantes do projeto universitário eram responsáveis também pela revisão dos textos do jornal. Dentre os moradores, mesmo aqueles que acessaram a universidade, era comum haver dificuldades e inseguranças relacionadas à produção escrita. Algo que orientava o trabalho de revisão era a busca pelo mínimo de alteração possível dos textos, premissa construída a partir da reflexão produzida em reuniões do projeto no Soltec. O objetivo era não impor ao jornal um determinado tipo de linguagem e ao mesmo tempo garantir o protagonismo dos autores das matérias. A maior parte do conteúdo do jornal tinha uma linguagem mais coloquial e parcial como é possível notar neste trecho de uma matéria:

Ao iniciar o Sarau de Poesias, a X (uma das fundadoras deste jornal), sempre despachada, começou a recitar suas obras, mas de olho para que alguém levantasse para prosseguir o sarau. Para nossa surpresa, algumas crianças do Coral Intergeracional “Vozes da Cidade de Deus” ficaram de pé e pediram para recitar um versinho. Foi muito lindo a coragem daquelas meninas e a pureza do que elas falavam<sup>22</sup>.

Nota-se como eram utilizadas no texto escrito expressões próprias da oralidade como “despachada”, “ficou de olho”, “versinho”. O uso de adjetivos como “muito lindo” e o destaque para a “pureza” das meninas denota o caráter opinativo, descritivo e pouco formal do jornal em um texto que não se apresenta como crônica ou poesia, mas sim como uma matéria de perfil informativo sobre um determinado evento ocorrido.

---

<sup>22</sup>“O 1º Festival Ponto de Cultura Itinerante Cidade de Deus”. *A notícia por quem vive*. ANO III, Edição nº3.

Embora a expressão lugar de fala não fosse utilizada com tanta frequência pelos moradores que integravam o jornal, havia em seu processo de construção uma diferenciação bem marcada entre os moradores, aqueles a quem cabia a produção de conteúdo, ou seja, que podiam falar pela e sobre a favela, e os participantes do projeto universitário, responsáveis pela diagramação, revisão de textos, orientação em processos de candidatura a editais, entre outras demandas que viessem a surgir. Esta delimitação era uma forma de demarcação da fala dos moradores como mais legítima, como evidencia este depoimento:

Uma coisa é quem mora na comunidade falar sobre ela, falar sobre os problemas dela, e outra a pessoa que vem de fora, que não tem conhecimento de estar na comunidade, morar na comunidade, passar por alguns problemas de dentro da comunidade e aí querer falar sobre

Sob essa ótica, o grupo universitário seria enquadrado como aquele que “vem de fora”. As fronteiras, contudo, eram mais complexas, pois o jornal foi historicamente constituído a partir de um emaranhado entre aqueles considerados de fora e os de dentro. O curso que deu origem ao jornal influenciou decisivamente em seu perfil temático e, desde seu nascimento, em 2010, até maio de 2016, o Soltec participou de todo o processo de construção de *A notícia por quem vive*, o que inclui presença em reuniões, grupos virtuais de discussão, eventos relacionados ao veículo e planejamentos estratégicos. O grupo da UFRJ atuou diretamente na produção de 10 das 14 edições existentes do jornal. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que era parte constitutiva do jornal, o grupo universitário era tido como um constante agente externo. Assumir a presença da universidade como algo intrínseco à própria existência do jornal parecia se colocar como uma ameaça à autenticidade de seus produtores de conteúdo.

O caráter híbrido do jornal, marcado por um processo constante de negociação, era, então, algo ocultado por ambos os grupos. No caso dos moradores, a demarcação de fronteiras passou a ficar mais explícita com a entrada de dois jovens produtores de conteúdo em 2015, que ao buscarem entender a dinâmica do jornal, acabavam questionando alguns de seus limites. Em uma reunião, um deles relatava que vinha pensando sobre a participação do grupo da universidade, chegando à conclusão de que não entendia o porquê de integrantes do Soltec não escreverem para o jornal. “A notícia é por quem vive ou por quem mora?”, questionou. Para ele, a experiência do grupo da universidade na Cidade de Deus constituía um tipo de vivência e, portanto, uma fala também legítima.



O questionamento do recém- chegado demonstra o quão complexa pode ser a definição de um lugar de fala. Como questiona Alcoff (1991), quão específica uma identidade precisa ser para a ela ser conferida autoridade? Se a notícia é por quem mora, um pequeno grupo de habitantes poderia falar por todos os moradores? E, em termos de pesquisa, o antropólogo poderia alcançar o chamado “ponto de vista nativo” a partir das informações advindas de um pequeno grupo de moradores? Como argumenta Naraya (1993), certamente não, especialmente se considerarmos os contextos sobre os quais a antropologia e sociologia urbana se debruçam, marcados por uma profusão das “multiplex identities” das quais fala a autora.

Diante da pergunta do jovem integrante, os moradores mais antigos se entreolharam, titubeantes. Um deles respondeu: “que eu saiba não tem nenhuma proibição”. De fato não havia, esta era até então uma fronteira tácita entre os grupos. Uma das moradoras quebrou o silêncio que pairava, sentenciando: “a academia tem que saber seu lugar entre pesquisador e membro, não acho que cabe a ela falar pela Cidade de Deus no jornal”. A partir desse momento, a reafirmação de um determinado lugar de fala começou a surgir com mais força nas reuniões, culminando em um rompimento da relação entre os dois grupos.

Se a fala do grupo universitário no jornal era um problema, a produção acadêmica desenvolvida por ele sobre a favela, e fora dela, não era motivo de questionamento nas reuniões. Foram escritas 3 monografias e 3 dissertações por integrantes do Soltec com base no trabalho desenvolvido com o grupo de moradores na Cidade de Deus, além de artigos apresentados em encontros acadêmicos interdisciplinares ou da área de comunicação. Alguns dos moradores iam às defesas e os trabalhos eram, de modo geral, bem recebidos.

Para as pesquisadoras, falar pelo outro, no sentido de no lugar dele, era algo a ser evitado, os favelados deveriam falar por si. O papel da universidade, seria de ampliar, ajudar a reverberar esta fala. Falava- se, então, sobre o outro e não por ele. Alcoff (1991), problematiza, no entanto, esta perspectiva. Para ela, se falar *pelos* outros seria algo problemático, assim também deveria ser a prática de falar *sobre* os outros, motivo pelo qual ela não faz distinção das duas formas. De acordo com a autora, em ambas as práticas de falar há uma representação das necessidades do outro a partir de uma interpretação situada, isto é, em ambos os casos haveria uma construção do outro a partir de um determinado lugar de fala.

Ao buscar ressaltar o protagonismo dos moradores, o grupo do Soltec muitas vezes também omitia sua centralidade no jornal, não se pensando como parte do objeto nos trabalhos acadêmicos realizados sobre a experiência na Cidade de Deus. A análise se voltava quase que exclusivamente para o outro, “os moradores”, “o jornal”, apresentados de modo apartado de sua relação com o projeto universitário. Após anos de trabalho conjunto, no entanto, os limites entre um grupo e outro não eram tão claros como se supunha ou se gostaria, como revela este depoimento abaixo de uma das estudantes:

Até que ponto nos deixamos envolver com o jornal? - e isso necessariamente deve ser avaliado como negativo? Será que o fato de querermos primar pela autonomia deles e controlar nossos anseios, por ser algo tão difícil de ser feito, acaba se transformando em um mascaramento de nossa interferência e não em uma real diminuição dela? Talvez a nossa influência na opinião deles fosse a mesma, em termos concretos, se nós déssemos nossa opinião de forma claramente tendenciosa, como “militantes” e não pesquisadores. Talvez até tivéssemos menos influência que temos hoje se fizéssemos isso, porque eles iriam desconfiar mais de uma opinião de um militante do que de uma “orientação de um acadêmico”: o famoso “argumento de autoridade”. Bom, por outro lado, mesmo se nós atuássemos assumidamente como militantes, ainda assim não deixaríamos de ter esse argumento de autoridade porque ainda por cima também estaríamos dentro da universidade

Os receios da estudante quanto a legitimidade de um envolvimento ou interferência direta do Soltec em sua relação com o jornal revelam uma crise sobre a necessidade de escolher entre o lugar de militante ou pesquisadora e o paradoxo de se sentir parte do jornal ao mesmo tempo em que era tida como externa a ele. Como já discutido por Gilberto Velho (2013, p. 69), “a noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada em diversos debates no campo da antropologia”. No caso do jornal, no entanto, o envolvimento não se limitava àquele naturalmente construído depois de um longo tempo de trabalho de campo, estava em questão também os limites e possibilidades de intervenção neste campo.

Outra questão importante era o fato de um grupo ter os seus conhecimentos em jornalismo certificados e o outro não. Jornalista era uma categoria com a qual a maioria dos moradores parecia não se identificar, embora fossem produtores de um jornal e tenham trabalhado, em grande parte do tempo, em parceria com graduados ou estudantes da área. Numa discussão sobre a inclusão ou não de publicidade no veículo, por exemplo,

uma das fundadoras do jornal afirmou: “mas esse jornal é comunitário, não é pra ganhar dinheiro. Se for pra ganhar dinheiro eu saio desse jornal, porque se fosse pra isso eu ia ser jornalista. E eu não sou jornalista.” Para outra moradora: “Jornalistas formados se arriscam porque não moram na favela e não correm o risco de levar um tiro na cara”. Havia ainda quem se afirmasse mais “jornaleiro” do que jornalista.

Essas falas evidenciam que o grupo identificava no jornalista uma figura privilegiada, pois se supunha que a maioria dos profissionais dessa área não morava na favela e, logo, corria menos riscos. Além disso, o caráter profissional do jornalista, que trabalha para “ganhar dinheiro”, contrastava com a informalidade e marginalidade do “jornaleiro comunitário”, que trabalhava por um ideal. Essa autoidentificação se dava, no entanto, de modo relacional e contextual. Uma das integrantes, por exemplo, se declarou como jornalista internacional ao publicar uma matéria em um site estrangeiro. Em outro momento, a mesma disse ter atuado como repórter nas olimpíadas e é interessante que nas edições posteriores ao fim do projeto do Soltec os moradores tenham passado a ser apresentados como “repórteres”, o que não ocorria nas edições anteriores.

### **Considerações finais**

Ao pensar os dois grupos em relação foi possível perceber como o conflito em torno da afirmação de determinados lugares de fala atuava como força produtora de identidades a partir do confronto da diferença e de contraposições como: favela X universidade, jornalista profissional X comunicador comunitário, dentro X fora. Os limites entre os grupos, contudo, eram tênues e as interseções entre eles complexificavam essas dicotomias. Grande parte dos estudantes que passaram pelo projeto de extensão, por exemplo, era oriunda de regiões periféricas da cidade, como Campo Grande, Nova Iguaçu, Ilha do Governador, Caxias, Méier, Penha. A identificação com moradores de favela por conta do reconhecimento de questões semelhantes em seus próprios territórios e vivências era algo que impelia o grupo a pensar sobre sua formação profissional e sobre seus próprios lugares de origem. Se o jornal era um espaço de ressignificação da relação dos moradores com a favela, ele representava também, para os estudantes, uma outra forma de experienciar a cidade e a universidade.

A dicotomia entre favela e universidade como lugares de vinculação e identificação era produtora de fronteiras definidoras das relações entre os grupos. Apesar de apresentar afinidades importantes com os moradores integrantes do jornal, o grupo

universitário era muitas vezes definido, e autodefinido, a partir de uma única identidade, aquela relacionada ao vínculo com a universidade, ficando na sombra pontos de interseção entre os grupos, como a origem periférica e popular de ambos. Esta perspectiva pode ser importante para afirmação e fortalecimento identitários de um determinado grupo, mas limitante, por outro lado, das possibilidades de trocas e aprofundamento da relação entre diferentes atores. A compreensão das identidades e limites de grupo como ambíguas e permeáveis é um desafio que tem se colocado no debate sobre lugar de fala, não apenas para academia, como também para os movimentos sociais em suas diversas mobilizações políticas.

*A notícia por quem vive* aponta, assim, para a necessidade de reflexão sobre a produção de identidades a partir de uma perspectiva relacional. A noção de metamorfose de Gilberto Velho (1994) é útil, neste sentido, por nos ajudar a pensar identidade não como algo fixo, mas volátil, em constante transformação e negociação. Esta compreensão das identidades e limites entre grupos como ambíguos e permeáveis é um desafio que tem se colocado no debate sobre lugar de fala, não apenas para a academia, como também para os movimentos sociais em suas diversas mobilizações políticas.

O caso do jornal é também reflexo de um processo histórico mais amplo marcado por uma reorganização de determinados lugares e imaginários centrais para a dinâmica urbana. Diversos processos sociais vividos nas últimas décadas contribuíram para o estabelecimento de novas relações com a periferia, a universidade e a produção de informação, temas essenciais para uma reflexão atual sobre as chamadas sociedades complexas.

Temos, de um lado, novos pesquisadores colocando em pauta seus olhares sobre seus lugares de origem e, de outro, novos comunicadores produzindo representações sobre si mesmos. Ambos estes processos foram importantes para a reivindicação e legitimação de lugares de fala periféricos, abrindo caminho para o surgimento de experiências como de *A notícia por quem vive*. Seguir disputando os lugares da favela, da universidade e da comunicação no Brasil atual é agora um dos principais desafios desses novos sujeitos que emergiram em terrenos outrora mais férteis.

### **Referências bibliográficas**

ADERALDO, Guilherme. Reinventando a "cidade": disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de "coletivos culturais" em São Paulo. Tese (Doutorado

em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ALCOFF, Martín Linda. The Problem of Speaking for Others. *Cultural Critique*. No 20, Winter 1991-1992, pp. 5-32.

BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: Luiz Antonio Machado da Silva. (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Nova Fronteira, 2008.

CORRÊA, Diogo. Anjos de fuzil: Uma etnografia das relações entre igreja e tráfico na Cidade de Deus. Tese (Doutorado em sociologia) – IESP- Uerj. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

GONÇALVES, Marília; PEREIRA, Camille Costa Perissé; MELO, R. S. *A notícia por quem vive: o que fala um jornal comunitário na Cidade de Deus*. 2013. In: IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e IV Conferência Sul-americana de Mídia Cidadã, Paraná, 2013

GONÇALVES, M. A. *Outra Comunicação: o caso do Portal Comunitário da Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Monografia (Jornalismo)

GONÇALVES, M. A.; PEREIRA, Camille Costa Perissé; MELO, R. S.; REIS, I.. *Teoria e prática na comunicação comunitária: interseções no caso do Jornal A Notícia por quem vive*. In: Felipe Addor. (Org.). *Extensão e Políticas Públicas: O Agir Integrado para o Desenvolvimento Social*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015

KUSCHNIR, Karina (2007). Antropologia e política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(64), 163-167.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Crônica marginal. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÓ, Ettore (Orgs.). *Possibilidades da Nova Escrita Literária no Brasil*. Editora Revan. Rio de Janeiro, 2014.

MELO, Renata da Silva. *A notícia por quem vive: Um olhar antropológico sobre a comunicação comunitária a partir de uma experiência da Cidade de Deus*. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

PEREIRA, Camille Costa Perissé. *Os usos sociais da comunicação: jornal “A notícia por quem vive”*. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. 2013.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação* (14ªed.) São Paulo: Editora Cortez, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005

VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade: Ensaio de antropologia urbana. Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro (Orgs), Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ZALUAR, Alba. Cidade de Deus e condomínio do diabo. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, 2007.

